

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO**

**A LITERATURA LATINO-AMERICANA NA IMPRENSA CULTURAL  
BRASILEIRA**

**STEPHANE SENA**

**SÃO PAULO  
NOVEMBRO DE 2015**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO**

**A LITERATURA LATINO-AMERICANA NA IMPRENSA CULTURAL  
BRASILEIRA**

**STEPHANE SENA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito para obtenção do título de  
especialista em Mídia, Informação e Cultura,  
produzido sob orientação do Prof. Dr.  
Alexandre Barbosa.

**SÃO PAULO  
NOVEMBRO DE 2015**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu noivo, por não me deixar desistir e estar sempre a meu lado, mesmo a mais de 400 quilômetros de distância.

À minha família e aos meus amigos, por entenderem minhas ausências.

Aos colegas e professores do Celacc, pela contribuição que deram à minha formação.

Por fim, ao meu orientador, professor Alexandre Barbosa, pelas aulas inspiradoras, pela dedicação e por ser tão competente crítico sem deixar de ser um grande incentivador.

# A LITERATURA LATINO-AMERICANA NA IMPRENSA CULTURAL BRASILEIRA<sup>1</sup>

Stephane Sena<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo procura compreender, quantitativa e qualitativamente, o espaço dado à atual produção literária latino-americana nos cadernos culturais de jornais brasileiros. Para realização da pesquisa, foram analisados os cadernos *Ilustrada (Folha de S. Paulo)*, *Caderno 2 (O Estado de S. Paulo)* e *Segundo Caderno (O Globo)*. A análise qualitativa permeou-se nos critérios de noticiabilidade utilizados por esses jornais. Percebe-se que a América Latina, em sua literatura, tem pouca representatividade neles e sua atual produção não tem o mesmo destaque dado a escritores consagrados. Conclui-se que há necessidade de incluir a América Latina no processo de formação educacional dos profissionais de comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura latino-americana; cobertura jornalística; jornalismo cultural

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de especialista em Mídia, Informação e Cultura.

<sup>2</sup> Stephane Sena, bacharel em Jornalismo pela Universidade São Judas Tadeu (2012) e pós-graduanda de especialização em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Comunicação e Cultura da ECA-USP, email: [stephanesena@hotmail.com](mailto:stephanesena@hotmail.com). Orientador: professor Alexandre Barbosa – doutor (2015) e mestre (2013) em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA-USP)

## **ABSTRACT**

This article aims to complain, quantitative and qualitatively, the visibility given to the present Latin American literary production in cultural seccions of Brazilian newspapers. To accomplish the research, were analyzed the seccions *Ilustrada (Folha de S. Paulo)*, *Caderno 2 (O Estado de S. Paulo)* e *Segundo Caderno (O Globo)*. The quantitative review was based on the criterions of newsworthiness used by these newspapers. It is possible to realize that Latin America, in its literature, has a scarce representativity on them and its present production does not have the same distinction attributed to the renowned writers. The conclusion is that it is necessary to include Latin America in the educational formation process of communication professionals.

**KEYWORDS:** Latin American literature; journalistic coverage; cultural journalism

## **RESUMEN**

Este artículo busca comprender, cuantitativa e cualitativamente, el espacio dado a la actual producción literaria latinoamericana en las secciones culturales de los periódicos brasileños. Para la realización del estudio, fueron analizadas las secciones *Ilustrada (Folha de S. Paulo)*, *Caderno 2 (O Estado de S. Paulo)* e *Segundo Caderno (O Globo)*. El análisis cualitativo se basa en los criterios de noticiabilidad empleados por esos periódicos. Se puede percibir que la América Latina, en su literatura, tiene poca representatividad en ellos e su actual producción no tiene el mismo destaque dado a los escritores célebres. Concluyese que hay la necesidad de introducir la América Latina en el proceso de formación educacional de los profesionales de comunicación.

**PALABRAS CLAVE:** literatura latinoamericana; cobertura periodística; periodismo cultural

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2 AMÉRICA LATINA – PRÓXIMOS, MAS DISTANTES</b>	<b>10</b>
<b>3 LITERATURA LATINO-AMERICANA</b>	<b>13</b>
3.1 MODERNISMO E POESIA	13
3.2 REALISMO MARAVILHOSO E O <i>BOOM</i>	15
<b>4 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE NOS CADERNOS CULTURAIS</b>	<b>18</b>
<b>5 ANÁLISE DA PESQUISA</b>	<b>21</b>
5.1 O PERFIL DOS CADERNOS	21
5.2 A LITERATURA LATINO-AMERICANA NOS CADERNOS CULTURAIS	22
5.3 A NOVA GERAÇÃO LITERÁRIA DA AMÉRICA LATINA	25
5.4 ILUSTRADA	27
5.5 CADERNO 2	30
5.6 SEGUNDO CADERNO	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A imprensa desempenhou importante papel na propagação do maior momento vivido pela produção literária da América Latina, o chamado *boom*, ocorrido entre as décadas de 1960 e 1970. Segundo o escritor e crítico literário uruguaio Ángel Rama (1980), o deslocamento de escritores latino-americanos, tanto para outros países do continente quanto para Europa e Estados Unidos, teve grande responsabilidade de revistas e jornais do período. Abrindo espaço para escritores latino-americanos, a imprensa contribuiu para difundir pelo mundo a voz de um continente até então visto como inferior no que se refere à sua produção cultural.

O *boom*, mais que representar o apogeu da literatura latino-americana, foi um propagador da narrativa de um continente contada por ele mesmo, o que permitiu à geração de leitores que foi criada nesse momento, ter contato com a história da América Latina sob outra perspectiva, diferente do discurso colonizador e imperialista. A literatura produzida nesse período, ajudou nos processos de identidade e solidariedade latino-americanas. Para os leitores dessa região, foi uma forma de resgatar suas raízes e o sentimento de pertencimento à América Latina, algo que, especialmente no Brasil, foi se perdendo por diferentes motivos que remetem a seu passado colonial, além de sua aproximação da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Com o enfraquecimento do *boom* e seu término, ainda no começo da década de 1970, a literatura latino-americana não conseguiu superar os momentos áureos cujo grande símbolo é a saga da — renegada ao esquecimento — família Buendía, retratada por Gabriel García Márquez, em *Cem Anos de Solidão*. Apesar disso, a produção literária não parou, pelo contrário, continua viva e fértil. Não seria exagero afirmar que novos escritores surgem a cada dia para manter viva a narrativa do continente. Conhecer essa produção é fundamental para que leitores latino-americanos não pautem suas opiniões sobre a região apenas a partir do olhar de quem subalterniza a cultura latino-americana.

Diante do exposto, procura-se, neste artigo, analisar o espaço dado pela imprensa cultural brasileira à atual produção literária da América Latina. Entende-se que este tipo de estudo contribui para compreender o peso dado pelo jornalismo a um bem cultural deste continente. Parte-se do pressuposto de que a imprensa continua presa ao *boom* e/ou aos personagens mais notáveis ou que gerem maior índice de audiência. Assim, nada ou pouco divulga sobre os livros de escritores latino-americanos mais novos no mercado editorial,

deixando de dar espaço para uma narrativa que esteja mais ligada aos atuais paradigmas enfrentados pelos países latino-americanos.

Para realizar a análise, foram escolhidos os cadernos culturais diários de três veículos representantes da mídia hegemônica – *Ilustrada (Folha de S. Paulo)*, *Caderno 2 (O Estado de S. Paulo)* e *Segundo Caderno (O Globo)* – a fim de verificar em quantas edições a literatura latino-americana apareceu como tema principal de um ou mais textos publicados e qual a abordagem dada para ela pelos cadernos.

As análises dos jornais foram feitas considerando o período de 1º de maio de 2015 a 31 de julho de 2015, totalizando 92 edições de cada caderno. Para a análise quantitativa, durante a pesquisa, os dados obtidos foram tabulados e organizados com informações sobre data da publicação, número total de páginas, número de páginas onde foram publicados textos sobre literatura em geral, total de páginas em que apareceram textos cuja literatura latino-americana foi tema central, localização desses textos, escritores da América Latina presentes nos textos, tipo do texto (entrevista, matéria ou nota) e presença ou ausência de fotos. Já a análise qualitativa foi feita observando-se elementos presentes nos textos, em especial, os valores-notícia.

A pesquisa tem como arcabouço teórico os estudos de Mauro Wolf, Nelson Traquina e Jorge Pedro Sousa, em especial dos dois últimos, sobre a produção jornalística. Traquina (2005b) trabalha com a noção de valores-notícia — valores subjetivos que determinam a relevância que o acontecimento tem para ser noticiado — e os divide em valores-notícia de seleção e de construção. Traquina equipara os valores-notícia aos óculos do jornalista, que vão definir a maneira como ele enxerga o fato. Jorge Pedro Sousa (2002) sistematiza várias teorias e apresenta as notícias como resultado da interação entre as ações ideológica, pessoal, social, cultural, histórica, do meio físico e tecnológico.

Para melhor contextualizar a análise, o primeiro capítulo deste artigo aborda, de forma sucinta, o conceito de América Latina, os processos de colonização, independência e neocolonização, bem como o afastamento do Brasil em relação aos demais países latino-americanos. No segundo capítulo, é apresentado um breve panorama sobre a história da literatura latino-americana. Cabe ressaltar, aqui, que, para melhor compreender a abordagem dada pelo jornalismo cultural brasileiro às produções literárias de outros países da América Latina, o Brasil não foi incluso neste e nos demais capítulos, incluindo a pesquisa.

Na terceira parte, foram apresentados os principais critérios de noticiabilidade dos cadernos culturais, seguida, por fim, da análise da pesquisa, composta por um perfil dos três

cadernos analisados e pela apresentação dos dados obtidos. Encerra-se o capítulo com o detalhamento de situações específicas encontradas em cada um dos cadernos.

## 2 AMÉRICA LATINA – PRÓXIMOS, MAS DISTANTES

A complexidade latino-americana começa em seu próprio termo – América Latina –, criado nos anos 1800. Seu significado foi objeto de estudo de diferentes pesquisadores, que nunca chegaram a uma unanimidade. Para o cientista político francês Alain Rouquié, o conceito de América Latina representa um problema, pois não deve se basear unicamente na esfera geográfica nem mesmo na cultural, uma vez que seria necessário, por exemplo, incluir o Canadá francês, o que não é feito. Além disso, Rouquié lembra que a escolha do termo não leva em consideração os povos originários nem os afrodescendentes.

Segundo Rouquié, todas as ambiguidades e limites existentes na região precisam ser levados em conta para que não se faça generalizações.

América Latina existe, pero solo por oposición y desde fuera. Lo cual significa que los “latinoamericanos” em cuanto categoria no representan ninguna realidad tangible más allá de vagas extrapolaciones o de generalizaciones cobardes. Lo cual significa también que el término posee una dimensión oculta que completa su acepción. (ROUQUIÉ, 1989, p. 20).

Com base no pensamento de Rouquié, podemos afirmar que a América Latina seria oposição à América Anglo-Saxônica. Nessa oposição, a região compartilha um passado semelhante, marcado, sobretudo, por dominação e luta. Para Darcy Ribeiro (1986), a oposição anglo-americanos e latino-americanos fica mais evidente no aspecto socioeconômico.

Aqui, os dois componentes se alternam, como a América pobre e a América rica, com posições e relações assimétricas de poderio em um pólo e dependência no outro. Pode-se dizer que, de certa forma, é principalmente como o outro lado da América rica que os latino-americanos melhor se reúnem debaixo de uma mesma dominação. (RIBEIRO, 1986, p. 21).

Esse cenário foi construído por meio de um passado colonizador, de exploração das riquezas, do trabalho escravo, da dizimação indígena e da homogeneização cultural. Para Darcy Ribeiro, no entanto, esse passado semelhante das nações latino-americanas não implicou sua unidade. Segundo Ribeiro, as “implantações coloniais das quais nasceram as sociedades latino-americanas coexistiram sem conviver, ao longo dos séculos”.

Cada uma delas se relacionava diretamente com a metrópole colonial. Ainda hoje, nós, latino-americanos, vivemos como se fôssemos um arquipélago de ilhas que se comunicam por mar e pelo ar e que, com mais frequência,

voltam-se para fora, para os grandes centros econômicos mundiais, do que para dentro. (RIBEIRO, 1986, p. 11).

A citação de Ribeiro sobre o cenário que analisava na década de 1980 explica-se pela neocolonização. Com o processo de independência, cujos principais nomes foram Simon Bolívar e José de San Martín, os países latino-americanos conquistaram sua liberdade política, mas continuaram economicamente dependentes, subalternos das grandes potências.

Para sair do atraso, as colônias se ajoelharam ao capital inglês, e a Inglaterra, interessada em abrir novos mercados, tornou-se o principal credor dos países latino-americanos, como explica o historiador Tulio Halperín Donghi (1975). Segundo Donghi, “os bancos ingleses tornaram-se intermediários, quase exclusivos, para as transações com a Europa; a maior parte dos governos da América Latina vale-se dos banqueiros ingleses como agentes financeiros”.

Anos depois, já no final do século XIX, os Estados Unidos entram em cena em uma tentativa de ampliar sua presença na América Latina. O historiador John Charles Chasteen (2001) afirma que o país norte-americano iniciou, nesse período, o projeto de fazer da América Latina seu “quintal”. Ainda em 1823, os Estados Unidos anunciaram o que ficou conhecido como Doutrina Monroe. Nela, o país afirmava reconhecer a independência dos países latino-americanos e entender como ameaça as tentativas de recolonização, mas o tempo mostrou, como aponta Chasteen, que a doutrina foi meramente usada como pretexto para o imperialismo estadunidense.

A Doutrina Monroe limitou-se praticamente à retórica durante meio século. Mesmo assim, junto com uma atitude superior, a ideia de que as Américas do Norte e do Sul compartilham uma relação especial tornou-se um pressuposto permanente da política norte-americana em relação à América Latina. (CHASTEEN, 2001, p. 167).

Segundo Chasteen, no fim do período neocolonial, em 1929, quarenta por cento dos investimentos dos Estados Unidos no exterior estavam na América Latina. O país já havia feito intervenções em Cuba, Porto Rico e Panamá, além de ter ocupado Nicarágua, Haiti e República Dominicana. “Várias intervenções norte-americanas instalaram líderes que se tornaram ditadores por longos períodos, tiranetes corruptos, famosos pela cobiça e obediência à política norte-americana”. (CHASTEEN, 2001).

No México, a ação estadunidense é considerada uma das mais veementes provas do projeto de transformar a América Latina em um “quintal”:

A evolução das relações México-EUA talvez represente a maior reversão de expectativa no contexto interamericano. Um horizonte de integração que parecia constituir a culminação de um entrelaçamento econômico e de um progressivo enquadramento do sistema político mexicano às regras do liberalismo se converteu numa humilhante “guetização” da nação asteca, cujos indicadores sociais tornaram-se cada vez mais distantes das previsões relativas ao impacto do Nafta do início dos anos 90. (HIRST, 2009, p.28).

No Brasil, os Estados Unidos decidiram apostar em uma falsa “política da boa vizinhança”, a qual Antonio Pedro Tota (2000) chama de imperialismo sedutor. O processo de americanização do Brasil, segundo Tota, começou ainda na Segunda Guerra Mundial. Vendo como ameaça um possível apoio do Brasil à Alemanha nazista, os Estados Unidos tentaram usar uma estratégia não intervencionista para ganhar os brasileiros como aliados. Nesse processo de americanização do Brasil, segundo Tota, foi criado o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), cuja direção estava a cargo do empresário Nelson Rockefeller e funcionava como uma fábrica de ideologias. O projeto foi bem-sucedido.

A Divisão de Cinema do OCIAA conquistou tanto Walt Disney quanto Carmen Miranda para a causa da liberdade nas Américas e tinha como missão promover a produção de filmes e cinejornais sobre os Estados Unidos e outras Américas (como éramos chamados) e combater o cinema produzido pelo Eixo. Por seu intermédio, Walt Disney colocou sua tropa (Pato Donald, Mickey e companhia) na campanha do esforço de guerra, e Darryl Zanuck produziu o primeiro filme de Carmen Miranda que, na época, foi capaz de tirar a 20th Century Fox do vermelho. As empresas de Hollywood não tardaram a conquistar o dócil mercado brasileiro, contando, para isso, com o apoio de mitos do cinema norte-americano como Orson Welles. (MARTES, 2001, p. 79).

A agência de Rockefeller também usou a imprensa para difundir o *American Way of Life* no Brasil. Revistas editadas em português mostravam a imagem de um Estados Unidos símbolo da democracia e da modernidade. Esse processo de americanização teve impacto marcante na história do jornalismo brasileiro tanto no campo da produção (adoção do *lead*, por exemplo) quanto no campo ideológico. Mesmo ao fim da Segunda Guerra Mundial, quando a OCIAA foi retirada do Brasil, o *American Way of Life* já estava impregnado nos brasileiros e, conseqüentemente, na imprensa.

Os jornais tornaram-se cada vez mais dependentes das agências de notícias norte-americanas e, com isso, passaram a reproduzir o discurso daqueles que viam a América Latina como mero “quintal”. A imprensa brasileira, assim, distanciou-se dos vizinhos latino-americanos para privilegiar uma visão de mundo imperialista.

### 3 LITERATURA LATINO-AMERICANA

A evolução da literatura latino-americana caminhou de braços dados com os processos históricos que ocorreram nessa região. Seu amadurecimento cresce à medida que se desenvolve a ideia de América Latina (mesmo que conceito e identidade ainda gerem discussões, conforme Rouquié, 1989) e as obras que estão a ela vinculadas apontam para ideologias, revoluções (em especial, mexicana e cubana) e utopias.

De facto, as raízes da literatura latino-americana são também as raízes de um continente novo, com tudo o que isso implica de assimilações diversas, de revoltas, de experiências desordenadas, em suma, de procura de uma identidade que seja não a de um país determinado nem sequer a de todo um continente mas sim a de um renascimento no sentido etimológico mais rigoroso do termo. (MACHADO, 1979, p. 27).

Como resultado de sua autenticidade, somado a outros fatores, a América Latina ganhou, em um espaço de 65 anos, seis prêmios Nobel de Literatura. Se a contagem for feita com base na concepção de Rouquié sobre a América Latina, há de se considerar o Caribe latino-americano e, nesse caso, será incluído um sétimo Nobel, ganho pelo escritor Derek Walcott, de Santa Lucia, país localizado ao leste do mar do Caribe. A série de premiações foi aberta pela poetisa chilena Gabriela Mistral (1945), seguida do guatemalteco Miguel Ángel Asturias (1967), do também chileno Pablo Neruda (1971), do colombiano Gabriel García Márquez (1982), do mexicano Octavio Paz (1990), do santa-lucense Derek Walcott (1992) e do peruano Mario Vargas Llosa (2010). Para compreender a existência das premiações e a complexidade do campo, é importante ter noção da história da literatura no continente.

#### 3.1 Modernismo e poesia

No final dos anos 1800, a América Latina começou a caminhar rumo a sua independência literária e dar provas de sua originalidade. É a partir desse período que começa a se expandir no continente o movimento modernista.

Em seu conjunto, o modernismo foi um movimento unânime da América Latina, que significou fundamentalmente uma renovação formal e a conquista plena da expressão original e da modernidade. Foi uma tentativa poderosa para fazer parte do mundo e do tempo, para fazer ressoar nesta

América todas as vozes significativas daquela hora e para fazer soar junto com eles. (MARTINEZ, 1979, p. 74).

O Modernismo na literatura latino-americana é caracterizado por uma renovação na linguagem e na sensibilidade. Para o movimento, a linguagem poética deveria ser “uma criação única e surpreendente” (MARTINEZ, 1979). Seu início é atribuído a nomes como Manuel Gutiérrez Najera e José Martí, mas é o nicaraguense Ruben Darío, com a publicação do livro de contos e poemas *Azul...*, em 1888, apontado como um dos maiores símbolos do movimento.

A criação de revistas literárias nesse período ajudou a difundir as vozes da América Latina e a criar um vínculo entre elas. Somente na *Revista Azul*, publicada no México entre 1894 e 1896, passaram 96 autores latino-americanos seguidores do Modernismo, de 16 países, sem contar o México.

Foi, pois, o modernismo para os escritores de fim-de-século da América Latina uma tomada de posse do mundo, mas foi também uma tomada de consciência do seu tempo. Dirigindo os olhos para além do esgotamento romântico espanhol, os criadores do movimento percorrem, talvez vagamente, que no mundo surgiu uma imensa onda revolucionária de renovação formal e da sensibilidade, e decidem tomar parte nela com sua própria expressão. (MARTÍNEZ, 1979, p. 71).

A partir de 1920, o Modernismo se esgota, mas a poesia da América Latina continua fortalecida com características gerais como verso livre, supressão de rima e linguagem coloquial e vai além de questões estéticas. Os temas sociais são cada vez mais frequentes e, nas palavras de Jaime Concha (2011), a poesia cruza “fronteiras nacionais, formulando uma realidade global que alcançou o mundo espanhol como um todo”. Destacam-se, no período, a poesia de escritores como Ramón López Velarde, Alfonso Reyes, Salomón de la Selva, Jorge Luis Borges e Gabriela Mistral, com poemas que expressavam sua luta por justiça social. A partir da década de 1940, outra geração de poetas ganha destaque, como Enrique Molina, César Fernández Moreno, Nicanor Parra e Octavio Paz.

Pablo Neruda, um dos maiores expoentes da literatura latino-americana, iniciou sua obra ainda na década de 1920, mas foi em 1950 que publicou um dos mais importantes livros da literatura mundial, *Canto Geral*. Vale lembrar que o mundo, nesse período, acompanhava as ameaças e os desdobramentos da Guerra Fria.

No cenário de fogueiras e sombras que o grande livro de Neruda desenterra, podemos observar uma intensificação da percepção poética e crítica do

continente. (...) O que fora um momento de expansão norte-americana no princípio do século tornara-se agora uma estrutura férrea de dominação. O Canto general teve de responder a esse desafio forjando novas armas de consciência. (CONCHA, 2011, p. 427)

### 3.2 Realismo maravilhoso<sup>3</sup> e o *boom*

Entre as décadas de 1940 e 1970, vigorou, na América Latina, uma ficção narrativa que se convencionou chamar de realismo maravilhoso, uma quebra de fronteiras entre o real e a fantasia. Com influência do Surrealismo, uma geração de escritores explorou a mitologia e a memória popular da região usando elementos sobrenaturais e subvertendo os conceitos de tempo e espaço.

De acordo com o historiador Sérgio Câmara (2013), o realismo maravilhoso na literatura latino-americana indica “o quanto o mito é fundador da realidade e nessa remissão ao simbólico apaga as fronteiras entre literatura e história com o mesmo movimento que afasta as convenções literárias”. Com o realismo maravilhoso, os escritores fazem uma reinterpretação da história latino-americana e de sua realidade frente à história oficial, marcada pelo discurso dos dominadores.

São da chamada primeira geração de escritores do realismo maravilhoso nomes como Juan Rulfo, Jorge Luis Borges, Miguel Angel Asturias e Alejo Carpentier, os dois últimos tidos como os responsáveis pela inserção do realismo maravilhoso na literatura latino-americana. Em 1949, o cubano Alejo Carpentier publicou *O reino deste mundo*, em que narra, a partir de sua visita ao Haiti, o processo de independência do país, sob a perspectiva dos escravos, até seu período republicano.

A partir da década de 1960, entra em cena a segunda geração de escritores do realismo maravilhoso e, com eles, o chamado *boom* editorial (ironicamente, um termo inglês para tratar da literatura latino-americana). Destacam-se no período nomes como Júlio Cortázar, José Lezama Lima, Mario Vargas Llosa e Gabriel García Márquez, autor de *Cem anos de solidão* (1967), uma das mais célebres publicações da América Latina, cuja narrativa perpassa a trajetória da família Buendia e rendeu êxito a García Márquez tanto no campo

---

<sup>3</sup> Existem outros termos usados para definir o tipo de produção que se deu no período, como fantástico e mágico. O maravilhoso foi adotado, neste artigo, em concordância com a concepção de Alejo Carpentier, em *O reino deste mundo* (1987) e de Irlemar Chiampi, em *Realismo Maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano* (1980).

editorial, quanto em crítica e público. É, por isso, considerado símbolo do *boom* e, erroneamente, “pai do realismo maravilhoso”.

Segundo Gerald Martin (2011), os escritores do *boom* ofereciam diferentes metáforas para o desenrolar da história do continente, eram linguisticamente especulativos e estruturalmente mitológicos. Já para Maurício de Bragança (2008), o *boom* ofereceu aos leitores nova “perspectiva histórica, rejeitando as narrativas cêntricas e multiplicando os eixos de construção de vozes no relato sobre a América Latina”. Com a originalidade, os latino-americanos conquistaram inédita abertura do mercado editorial e leitores por todo o mundo.

A literatura latino-americana teve, a partir dos anos sessenta, uma dimensão de visibilidade e abrangência jamais conseguida até então. A riquíssima profusão de obras que se editavam e se reeditavam a partir daquela década marcou definitivamente a historiografia literária do continente, dando realce internacional a uma geração de escritores que, até aquele momento, tinha uma enorme dificuldade de circulação inclusive no interior da própria América Latina. Esta “fertilidade literária” esteve intimamente implicada, dentre outros aspectos, com a expansão do mercado editorial no continente, que exigia, também, uma nova inscrição do intelectual nas demandas literárias da sociedade. (BRAGANÇA, 2008, p. 135).

Ángel Rama lembra, ainda, que a publicação de revistas para o público latino-americano com espaço para temas literários também ajudou a popularizar o *boom*.

As revistas foram instrumento capital da modernização e da hierarquização da atividade literária: substituindo as publicações especializadas, destinadas somente ao restrito público culto, fundamentalmente formado pelos próprios escritores, estabeleceram uma comunicação com um público maior. Este descobriu que no panorama das atualidades que as revistas semanais lhe ofereciam, incluíam-se também os livros, preferentemente os romances ou os ensaios de temas gerais, e que, inclusive, a foto de algum escritor podia merecer as honras de uma capa. (RAMA, 1980).

Somam-se ao talento individual dos escritores a movimentação das editoras, as revistas — entre elas, o semanário *Marcha*, no qual atuou Eduardo Galeano — e a Revolução Cubana, que, segundo a historiadora Adriana Vidal Costa (2012), “motivou inúmeros leitores, pelo mundo afora, a conhecer a literatura, a cultura e a história latino-americanas”.

O furacão, porém, não durou muito e, em 1973, o *boom* terminou definitivamente. Não há explicação definida sobre o término, mas cabe lembrar que o ano foi marcado pela queda da democracia chilena e a instalação do período ditatorial, que já vigorava em outros países da América Latina. O fim, no entanto, não impediu que a geração *boom* continuasse no

interesse dos leitores, dado o número de edições já feitas. Em 2014, *Cem anos de solidão*, por exemplo, já estava em sua 86ª edição brasileira pela editora Record.

Essa herança literária pesou sobre os escritores que sucederam ao *boom*. Na década de 1990, Gerald Martin afirmou:

Apesar de outros fenômenos curiosos como o surgimento de uma nova e destacada geração de escritoras, o estreitamento do abismo entre arte “superior” e “popular”, e, em muitos casos, o retorno a um discurso narrativo simples e acessível, persiste o fato de que os escritores mais conhecidos atualmente são os que fizeram o Boom da década de 1960. Sem dúvida, o próximo século terá avançado muito antes que a ficção latino-americana assuma uma forma decisivamente nova. (MARTIN, 2011, p. 423).

Chegado esse “próximo século”, ainda é possível notar a forte presença e influência da geração *boom*. Apesar disso, a produção literária do continente continua ativa, com alguns nomes contemporâneos sendo destacados.

Dado esse breve resumo, pode-se notar que a América Latina é feita, entre outros aspectos, de pluralidade e fertilidade literárias. Nos próximos capítulos, procura-se contribuir para as pesquisas sobre a presença da literatura latino-americana na imprensa brasileira e verificar se a atual geração de escritores da América Latina tem espaço nos cadernos culturais frente aos cânones da região, principalmente do realismo maravilhoso.

#### 4 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE NOS CADERNOS CULTURAIS

A análise qualitativa da cobertura dos cadernos culturais escolhidos para a pesquisa foi norteadada pelos conceitos de estudiosos da comunicação e do jornalismo, em especial Mauro Wolf, Nelson Traquina e Jorge Pedro Sousa. Para Sousa (2002), a publicação de uma notícia deve ser explicada levando-se em conta todo o contexto no qual a produção jornalística está inserida, como a subjetividade do jornalista e as influências que ele sofre externamente.

Na perspectiva do *newsmaking*, há ênfase para o processo de produção da notícia. Nesse sentido, Nelson Traquina (2005b), citando Mauro Wolf, elenca dois tipos de valores-notícia: de seleção e de construção. Os valores-notícia de seleção são os critérios que os jornalistas usam durante a seleção dos fatos e são subdivididos em critérios substantivos — referem-se à avaliação do fato em si — e critérios contextuais — dizem respeito ao contexto da produção da notícia.

Entre os critérios de seleção, destacam-se, para o objeto desta pesquisa, cinco valores-notícia. A (1) proximidade pode ser tanto geográfica quanto cultural e tem o objetivo de aproximar o leitor do objeto da notícia. Percebe-se, nos cadernos culturais pesquisados, que a proximidade geográfica não é um facilitador para a entrada de notícias sobre a produção literária latino-americana. No valor (2) tempo, há de se considerar, para este caso, duas subdivisões. A (2a) atualidade aproveita-se de ganchos para falar sobre determinado acontecimento. Já na (2b) efeméride, aproveita-se ocasiões especiais (aniversários, datas comemorativas, eventos) para fazer matérias sobre o assunto. A efeméride é constatada não só nos cadernos analisados, mas também no jornalismo cultural como um todo, segundo apontou Daniel Piza (2011).

Outra perda do jornalismo cultural em meio a essa confusão de valores, além da credibilidade crítica, é sua submissão ao cronograma de eventos. Lemos muito sobre discos, filmes, livros e outros produtos no momento de sua chegada, havendo casos em que a obra é anunciada (e, pois qualificada) com diversos meses de antecedência. No entanto, raramente lemos sobre esses produtos depois que eles tiveram uma “carreira”, pequena que seja, e assim deixamos de refletir sobre o que significam para o público de fato. (PIZA, 2011, p. 51).

O valor (3) notoriedade dá ênfase à importância dos indivíduos envolvidos no acontecimento. A (4) notabilidade dá ênfase aos acontecimentos tangíveis e o valor (5) novidade, um dos mais importantes no jornalismo, é o que enfatiza os acontecimentos mais novos.

Já o segundo tipo de valor-notícia apresentado por Traquina, o de construção, “funciona como linhas-guias para apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia”. Cabe destacar, nesta pesquisa, os valores-notícia de construção relevância (demonstrar ao leitor a importância do fato) e personalização (valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento). Este último é perceptível em matérias que falam sobre a obra de escritores considerados consagrados. Além de seu trabalho, valoriza-se sua personalidade.

Em *Teorias da Notícia e do Jornalismo* (2002), Jorge Pedro Sousa reúne algumas teorias do jornalismo para conceber a ideia de notícia como resultado de uma construção na qual interagem seis forças: ação pessoal, ação social, ação ideológica, ação cultural, ação do meio físico e tecnológico e ação histórica. É importante explicar aqui ação social, na qual considera-se que as notícias são fruto das dinâmicas e dos constrangimentos do sistema social. Sousa dá o exemplo das questões mercadológicas e financeiras que envolvem o processo de seleção da notícia:

As razões financeiras – e não esqueçamos que a generalidade das organizações noticiosas visa o lucro – funcionam assim como constrangimentos organizacionais ao conteúdo dos media, podendo mesmo afetar as decisões editoriais. (SOUSA, 2002, p.53).

Considera-se, nesses termos, a teoria organizacional, cujos primórdios estão nos estudos do sociólogo Warren Breed (1955), citado por Nelson Traquina.

Breed sublinha a importância dos constrangimentos organizacionais sobre a atividade profissional do jornalista e considera que o jornalista se conforma mais com as normas editoriais da política editorial da organização do que com quaisquer crenças pessoais que ele ou ela tivesse trazido consigo. (TRAQUINA, 2005a, p. 152).

A produção jornalística, nesse sentido, é influenciada pela ideologia empresarial. Aqui, vale observar que, uma vez que a empresa toma para si a ideologia hegemônica e compreende o mundo a partir de uma perspectiva da “história oficial”, tenderá a perpetuar o

discurso imperialista, que considera os Estados Unidos e a Europa e pretere ou desqualifica a América Latina.

## 5 ANÁLISE DA PESQUISA

### 5.1 O perfil dos cadernos

Antes de apresentar os resultados obtidos, convém fazer uma breve apresentação dos jornais analisados no período entre 1º de maio e 31 de julho de 2015. O mais antigo desses cadernos, a *Ilustrada*, foi criado em 1958 no jornal *Folha de S. Paulo*, trazendo uma abordagem da “cultura como mercado” (MACHADO, 2001). O caderno circula diariamente com uma média de dez páginas e oferece textos sobre cultura, variedades e entretenimento com seções de cinema, livros, televisão, comida, música, além da seção Acontece, publicada apenas na Grande São Paulo para divulgar eventos culturais.

Na seção Livros, há informações sobre lançamentos do mercado editorial, crítica, eventos literários e entrevistas com autores. Aos sábados, ainda há a coluna Painel das Letras, também com novidades e discussões sobre o mercado editorial e, algumas vezes, dicas de leitura. Os leitores da *Ilustrada*, na Grande São Paulo, são majoritariamente da classe B (68%), a maioria na faixa etária de 25 a 44 anos (51%).<sup>4</sup>

Pertencente ao jornal *O Estado de S. Paulo*, o *Caderno 2* foi lançado em 6 de abril de 1986 para concorrer com a *Ilustrada*. De circulação diária, o caderno, no período analisado, apresentou uma média de nove páginas com cobertura de música, artes plásticas, teatro, cinema, TV, moda, internet e literatura.

Na seção de literatura, o caderno traz textos sobre o mercado editorial, entrevistas e eventos literários. Aos sábados, a coluna Babel oferece mais novidades sobre literatura e mercado editorial. É nesse dia, inclusive, que a literatura ganha mais páginas no caderno, inclusive a capa. Assim como a *Ilustrada*, o *Caderno 2* tem um público de leitores majoritariamente da classe B (55%). Na faixa etária, há maior variação: 26% estão entre 35 e 44 anos, 19% entre 45 e 54 anos e 16% entre 25 a 34 anos<sup>5</sup>.

Já o *Segundo Caderno* foi lançado em 1984 no jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro. Sua cobertura inclui eventos, artes plásticas, cinema e TV, este último com mais espaço em relação aos outros cadernos, dado o fato de o jornal pertencer ao conglomerado Globo, que,

---

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://www.publicidade.folha.com.br/folha/cadernos/ilustrada/perfil\\_do\\_leitor.shtml](http://www.publicidade.folha.com.br/folha/cadernos/ilustrada/perfil_do_leitor.shtml)>  
Acesso em: 25 ago. 2015

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://publicidade.estadao.com.br/estadao/caderno-2>>. Acesso em: 25 ago. 2015

além do canal da rede aberta, possui uma série de canais na TV paga. Isso explicita a lógica mercadológica da notícia, de acordo com os estudos de Jorge Pedro Sousa (2002).

Até o final do período analisado, o *Segundo Caderno* não tinha uma coluna literária semanal, em vez disso, *O Globo* publicava, aos sábados, o suplemento literário *Prosa & Verso*, um dos poucos que ainda existiam na indústria jornalística, mas que foi encerrado no dia 12 de setembro de 2015. Nele, eram divulgados lançamentos, informações sobre o mercado editorial, entrevistas, críticas e resenhas.

Pode-se afirmar que o *Segundo Caderno* segue o perfil dos demais cadernos culturais com a maioria dos leitores (60%) da região metropolitana do Rio de Janeiro pertencente à classe B, mas traz uma importante diferença na faixa etária. A maior porcentagem de leitores (28%) tem mais de 60 anos. Na sequência, estão as faixas de 30 a 39 anos (21%), de 10 a 29 anos (19%), de 40 a 49 anos (18%) e 50 a 59 anos (15%).<sup>6</sup>

## 5.2 A literatura latino-americana nos cadernos culturais

Somadas as 92 edições analisadas de cada caderno, temos uma amostra de 276 edições. Em 88,4% delas (244), foram publicadas notícias sobre literatura e mercado editorial, temas que ganharam mais espaço nas páginas no período em que ocorreu a 13ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), entre os dias 1º e 5 de julho.

A literatura da América Latina, especificamente, esteve presente em 56 edições, porém somente em 33 delas a literatura dessa região foi tema central de algum dos textos. Nas demais, houve apenas uma citação de autores ou livros. Um exemplo foi a divulgação da agenda da Flip, em que os jornais citaram o nome dos escritores convidados (entre eles, três latino-americanos, sem contar os brasileiros), mas não falaram sobre eles ou sobre suas obras. Com esse dado, a pesquisa adotou a metodologia de analisar apenas as edições em que a literatura latino-americana foi tema central, o que aconteceu em 11,9% das edições e em 13,5% daquelas em que o tema literatura foi abordado.

Começando pela análise quantitativa, pode-se perceber que a presença da literatura da América Latina não é expressiva, porém não é possível chegar à conclusão de que os números revelam um preterimento dessa literatura a outras, já que a pesquisa não contemplou a quantificação da presença do Brasil e dos países que não pertencem à América Latina nessas

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=67>>. Acesso em: 25 ago. 2015

276 edições. Para que se tenha uma simples ideia da diferença entre o que se apresenta da América Latina em relação à Europa e aos Estados Unidos, nas 92 edições analisadas do Caderno 2, nove tinham a literatura latino-americana como tema central de um ou mais textos, enquanto que a produção literária europeia apareceu em 34 edições (mais que a literatura latino-americana somando os três cadernos) e a norte-americana em 19. A literatura brasileira, como era de se esperar, foi maioria, aparecendo em 67 edições.

Voltando à análise da literatura latino-americana na amostra dos três cadernos analisados, das 33 edições em que ela foi tema central de um ou mais textos, foram publicadas 19 matérias (somam-se reportagens e críticas), quatro entrevistas e 13 notas. A América Latina, em sua produção literária, foi representada por sete países (Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, México, Peru e Uruguai), o que mostra que a seleção de países feita pelos cadernos culturais, por uma análise quantitativa, sub-representa a América Latina.

O país com mais autores nas páginas dos cadernos culturais foi a Argentina, com sete dos 19 nomes que aparecem na amostra analisada (Beatriz Sarlo, Manuel Graña, Pablo Katchadjian, Raul Damonte, Julio Cortázar, Ricardo Piglia e Diego Vecchio). Chile e Colômbia estão na sequência com três autores cada; Cuba e Uruguai, com dois; México e Peru com apenas um. O destaque para a Argentina pode ser explicado pela consolidada tradição literária do país e pelo peso de representantes como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Adolfo Bioy Casares, Ernesto Sábato e Ricardo Piglia, cujo reconhecimento internacional facilita a inserção na indústria jornalística pelo valor-notícia notabilidade, e volta os olhares de produtores de notícia para esse país, o que pode facilitar a entrada de outros nomes nos cadernos culturais.

No período analisado, foi verificado que os escritores latino-americanos com mais evidência são os já consagrados pela crítica e, algumas vezes, os contemporâneos que já têm reconhecimento internacional. Para esses casos, a imprensa cultural oferece reportagens mais completas, que vão além da produção bibliográfica e exploram a biografia do autor. O espaço no caderno também é mais generoso quando se trata de autores aclamados pela crítica, com páginas inteiras e matérias de capa. Observadas as edições, vê-se valores-notícia de seleção como notoriedade, tempo (por efeméride) e notabilidade, além do valor-notícia de construção personalização.

Pablo Neruda esteve presente em duas edições do período analisado, uma edição do *Caderno 2* e outra, do *Segundo Caderno*. O chileno ganhou destaque pelo lançamento do filme *Neruda, fugitivo* (2015), do diretor Manuel Basoalto. As publicações não se limitaram a falar do filme e usaram a atualidade do assunto para repassar a biografia do poeta. No

*Segundo Caderno*, o assunto foi capa da edição do dia 8 de julho e incluiu informações sobre o mercado editorial com a previsão de lançamento de um material inédito de Neruda.

O colombiano Gabriel García Márquez, autor de *Cem Anos de Solidão* (1967), *Crônicas de Uma Morte Anunciada* (1981), *O Amor nos Tempos do Cólera* (1985), entre outros clássicos, ganhou destaque nas páginas do *Segundo Caderno* dos dias 1º e 5 de maio (não apareceu nos outros cadernos). A primeira chama atenção pelo valor-notícia novidade. A matéria Segredos de um clássico é escrita pelo jornalista Jan Martínez Ahrens, do jornal espanhol *El País* e fala sobre a existência de uma versão de *Cem anos de Solidão* com 1.026 correções de “Gabo” feitas antes da publicação da obra pela editora. A matéria foi publicada no dia anterior pelo site do *El País*, inclusive na versão brasileira<sup>7</sup> e reproduzida pelo *Segundo Caderno* com algumas diferenças de tradução.

É também no *Segundo Caderno* que, no dia 19 de junho, surge outro grande nome da literatura latino-americana. Em uma matéria de capa, Julio Cortázar é destaque por ter seus livros em dramaturgia reeditados no Brasil e um deles adaptado para o teatro. Aparecem, no período analisado, outros escritores reconhecidos pela crítica: Ricardo Piglia, Eduardo Galeano (os dois só aparecem em notas) e Ángel Rama (em ocasião da reedição do livro *A cidade das letras*).

É preciso evidenciar que dois escritores que nem são relacionados aos “cânones” da literatura latino-americana nem à nova geração ganharam um notável destaque nos três jornais analisados e foram os nomes mais citados no período: Beatriz Sarlo e Leonardo Padura, ambos convidados da Flip, o que pode explicar a constante presença nos cadernos.

A argentina Beatriz Sarlo foi tema central na *Ilustrada* pela participação na festa literária, na qual falou sobre o homenageado da edição, Mário de Andrade, e pelo lançamento do e-book *Viagens – da Amazônia às Malvinas*. Sobre esse assunto, o *Caderno 2* dedicou, em 6 de junho, 3/4 de página para uma entrevista com a escritora em que é descrita como “uma das principais pensadoras da América Latina”. O caderno ainda fez uma chamada de capa com a foto de Beatriz.

Com ainda mais destaque que Beatriz Sarlo, o cubano Leonardo Padura, autor de *O homem que amava os cachorros* (2013), esteve presente como tema central em nove edições dos cadernos (quatro da *Ilustrada*, três do *Caderno 2* e duas do *Segundo Caderno*). A obra de Padura, no entanto, foi ofuscada pela ligação de sua nacionalidade com temas políticos. No

---

<sup>7</sup> Disponível em [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/29/cultura/1430332920\\_868009.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/29/cultura/1430332920_868009.html)  
Acesso em: 25 ago. 2015

que pode explicitar uma ação ideológica da imprensa em relação a Cuba, os cadernos focaram a abordagem das matérias com Padura para o tom político. Comumente, Padura foi instigado a falar sobre o regime cubano e sobre a aproximação do país com os Estados Unidos.

No dia 10 junho de 2015, Padura foi anunciado vencedor do prêmio espanhol Princesa Astúrias das Letras pelo conjunto de sua obra. A premiação acontece uma vez por ano e é destinada a distinguir o trabalho realizado por pessoas e instituições de todo o mundo. A última vez em que um latino-americano foi premiado na categoria literatura do Princesa Astúrias foi 2005, com a brasileira Nélide Piñon.

Os jornais analisados, contudo, não deram o mesmo reconhecimento à obra de Leonardo Padura. O *Segundo Caderno* e a *Ilustrada* limitaram-se a divulgar uma nota sobre a premiação no dia 11 de junho. Na *Ilustrada*, caderno da *Folha de S. Paulo* no qual o cubano é colunista, a nota foi publicada na última página. O *Caderno 2* só fez menção ao prêmio no dia 3 de julho, ao longo da matéria intitulada O diálogo que aproxima Cuba dos Estados Unidos. O texto aborda, primariamente, questões políticas, para, depois da metade, falar sobre a obra de Padura.

O mesmo tipo de construção foi utilizado na matéria 14 anos no porão, publicada pela *Ilustrada* no dia 10 de julho, na qual o dramaturgo cubano Antón Arrufat é entrevistado. O caderno aproveitou a efeméride de seus 80 anos para não deixá-lo escapar do questionamento sobre a aproximação entre Cuba e Estados Unidos.

Outro nome que saiu nas páginas dos jornais pelo tom político e polêmico foi Juan Pablo Escobar, herdeiro do narcotraficante colombiano Pablo Escobar. Na *Ilustrada*, único caderno que deu destaque para Escobar, o lançamento do livro *Pablo Escobar, meu pai* ganhou a página três quase inteira.

### **5.3 A nova geração literária da América Latina**

Em termos quantitativos, os novos nomes da literatura latino-americana tiveram pouca representação nos cadernos culturais, que se limitaram diretamente a cinco nomes, ainda fincados, em sua maioria, nos países onde a literatura tem mais renome internacional: Alejandro Zambra (Chile), Diego Vecchio (Argentina) Lia Meruane (Chile), Pablo Katchadjian (Argentina) e Santiago Roncagliolo (Peru), o que mostra o quanto a imprensa cultural brasileira ainda está voltada para as regiões mais tradicionais e mostra-se pouco interessada em explorar melhor a literatura da América Latina.

O argentino Pablo Katchadjian teve uma matéria na edição da página três da *Ilustrada* de 26 de junho que se encaixa na categoria do valor-notícia conflito por abordar uma polêmica ligada ao escritor Jorge Luis Borges. Katchadjian, ainda não publicado no Brasil, foi condenado por plágio ao publicar um livro em que acrescenta 5.900 palavras ao *Aleph*, de Borges, sem fazer alterações na obra original. O caso ganhou repercussão na Argentina, principalmente entre escritores, que apoiaram Katchadjian, processado pela viúva de Borges.

Já o argentino Diego Vecchio, só foi lembrado pelo caderno d' *O Estado de S. Paulo*, mas cabe destacar que a publicação fez uma chamada de capa na edição do dia 2 de junho com Vecchio e uma entrevista de quase uma página inteira. O argentino lançou seu primeiro livro no Brasil – *Micróbios* – pela editora Cosac Naify e foi um dos convidados para a Flip, o que pode ter aumentado sua relevância nos critérios de seleção do caderno.

Figura 01: Capa do *Caderno 2*, de 2 de maio de 2015



Fonte: Acervo O Estado de S. Paulo

Apesar de novo no cenário brasileiro e ainda sem prêmios internacionais, o escritor ganhou uma crítica bem positiva, mas não escapou de ser comparado a Jorge Luis Borges. No jornalismo, essa aproximação tem a função de oferecer ao leitor uma referência por meio da qual ele possa se interessar pela informação.

No dia 20 de junho, no mesmo caderno, foi a vez do chileno Alejandro Zambra ganhar destaque. Na ocasião, ele lançava o livro *Meus documentos*, também pela Cosac Naify, e ganhou entrevista de uma página, intitulada Nos passos de Bolaño, em referência ao escritor chileno Roberto Bolaño. Mais uma vez, o caderno viu a necessidade de comparar um escritor novo a outro já consagrado.

Com livros traduzidos para mais de dez idiomas, Zambra vem ganhando espaço no mercado editorial pela publicação de seus livros pela editora Cosac Naify. Já participou da Flip e é vencedor de prêmios como o britânico *English Pen Award*, o holandês Príncipe Claus e o chileno do Conselho Nacional do Livro. O já alcançado reconhecimento internacional pode ser apontado como critério de seleção pelo valor-notícia notoriedade.

Faltou, no entanto, por parte do *Caderno 2*, uma continuidade na cobertura de Vecchio e Zambra, que só tiveram espaço em época de lançamento de livros. No caso de Vecchio, principalmente, os critérios proximidade (geográfica) e disponibilidade poderiam ser levados em conta para colocá-lo mais uma vez em destaque. No dia 7 de julho, ele esteve em São Paulo, no Instituto Cervantes, em evento chamado Pós-Flip, organizado pela editora Cosac Naify. Dado que tanto *Ilustrada* quanto *Caderno 2* são de São Paulo, poderiam ter divulgado o evento para os leitores paulistanos ou mesmo ter aproveitado a ocasião para enviar repórteres que pudessem explorar outras facetas do escritor.

Outros dois nomes da nova geração, e com livros publicados no Brasil, ganharam apenas notas. É o caso da chilena Lia Meruane e do peruano Santiago Roncagliolo. Apesar de se referir a um período que esta pesquisa não contempla, cabe ressaltar que tanto Meruane quanto Roncagliolo tiveram um espaço maior nos jornais quando seus livros foram lançados no Brasil, o que, mais uma vez, mostra que os cadernos culturais diários não têm a característica de fazer abordagens mais aprofundadas que não se limitem à agenda e ao valor-notícia tempo.

A seguir, serão apresentados alguns aspectos particulares da cobertura dos cadernos culturais analisados nesta pesquisa.

#### **5.4 Ilustrada**

Das 92 edições analisadas, 15 apresentaram textos cuja literatura latino-americana foi tema central. Ao todo, foram oito notas (duas em uma mesma edição), oito matérias e uma entrevista, mas nenhuma delas ganhou a capa do caderno. Na comparação com *Caderno 2* e *Segundo Caderno*, a *Ilustrada* diversificou mais os nomes apresentados, foram 13 no total,

mas apenas dois representantes da nova produção literária da América Latina, Santiago Roncagliolo (nota) e Pablo Katchadjian (matéria).

Se, por um lado, o caderno da *Folha de S. Paulo* deixou a desejar no quesito novos escritores, por outro, foi o caderno que mais apresentou ao leitor escritores pouco conhecidos no Brasil. Na edição de 28 de maio, a *Ilustrada* noticiou a morte do poeta argentino Manuel Graña. Com o valor-notícia proximidade (cultural), o texto foi desenvolvido ressaltando a relação de Graña com Carlos Drummond de Andrade, de quem era genro.

Outro argentino, Copi, pseudônimo de Raúl Damonte Botana, foi lembrado na página 5 na edição de 18 de julho, em ocasião do lançamento no Brasil dos livros *O Uruguai* e *A Internacional Argentina*, em volume único, pela editora Rocco. As obras foram publicadas, originalmente, em 1972 e 1988, respectivamente. A *Ilustrada*, todavia, fixa o texto na crítica aos livros e não explora a biografia do autor.

Antón Arrufat e Gustavo Bolívar Moreno, lembrado em uma nota sobre o lançamento de um de seus livros no Brasil, compõem a lista de escritores latino-americanos que, apesar da relevância e reconhecimento, ainda são pouco conhecidos no Brasil. Nota-se que os destaques continuam sendo dos argentinos.

Figura 02: Página 5 da *Ilustrada*, de 18 de julho de 2015



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo

Vale ressaltar, ainda, que a maioria das matérias da *Ilustrada* com escritores da América Latina não teve grande destaque nas páginas. A crítica sobre os lançamentos de Copi, como se vê na figura acima, ocupou um quarto da página, enquanto o restante era preenchido por anúncios.

### 5.5 Caderno 2

O caderno do jornal *O Estado de S. Paulo* abriu mais espaço para a nova geração de escritores latino-americanos, mas, quantitativamente, a representação foi pouco expressiva. Como apresentado anteriormente, Alejandro Zambra e Diego Vecchio tiveram uma página cada com entrevista.

Figura 03: Caderno 2, edições de 02 de maio (à dir.) e 20 de junho de 2015 (à esq.)



Fonte: Acervo O Estado de S. Paulo

Nota-se que o *Caderno 2* valorizou os escritores na página, mesmo com a presença de anúncios. Espaço igual foi dado para Beatriz Sarlo. Já Pablo Neruda teve destaque superior e apareceu em matéria de capa, sem publicidade, por ocasião da estreia do filme *Neruda – Fugitivo*, de Manuel Basoalto.

Das 92 edições analisadas, nove apresentaram textos em que literatura latino-americana era tema central. Ao todo, foram publicadas quatro notas, três matérias e três entrevistas, duas delas com chamada de capa e ressaltando não só lançamentos de livros como também o universo do escritor.

## 5.6 Segundo Caderno

Apesar de, no período analisado, não ser o caderno do jornal *O Globo* oficial para a cobertura de literatura, dada a existência do suplemento *Prosa & Verso*, o *Segundo Caderno* foi o que mais publicou edições abordando a temática (foram 84 contra 81 da *Ilustrada* e 79 do *Caderno 2*). Nove dessas edições continham textos sobre literatura latino-americana com o diferencial de que o caderno foi o que melhor explorou o conteúdo. Dos nove textos sobre literatura-latino americana, oito foram matérias, sete delas de página inteira, sendo quatro matérias de capa.

Enquanto a *Ilustrada* publicou matéria de um quarto de página sobre o lançamento de Copi, por exemplo, o *Segundo Caderno* deu uma matéria de capa, publicada em 05 de junho, que, além de abordar sua obra, entrevistou fãs ilustres, como o cartunista Laerte, e contou curiosidades de sua vida e morte, como o dia em que os amigos, literalmente, fumaram Copi:

O artista era de fato tão “vanguardista”, iconoclasta e irreverente que nem a própria morte escapou de virar mais uma das suas histórias: ao voltar da cerimônia de cremação, a mãe dele (que também tinha um apelido, “China”) recebeu os amigos de Copi na casa do filho para uma última homenagem — o hábito transnacional de “beber o morto”. China deixou a pequena urna com as cinzas na sala de estar e foi para a cozinha preparar-lhes algo de comer. De repente, sentiu um cheiro de mato queimado vindo da sala, e já conhecendo a turma de Copi...— Ela saiu correndo, desesperada, gritando: “Esse é o Copi! Esse é o Copi!”, mas já era tarde demais. Os amigos não só tinham confundido a urna das cinzas do morto com a latinha de baseado que ele costumava deixar sobre a mesa, como já tinham fumado tudo junto — diverte-se a pesquisadora Renata Pimentel, que estuda a estética de Copi desde 2003 na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e prepara um romance biográfico sobre o artista argentino ainda pouco conhecido no Brasil.<sup>8</sup>

Além disso, a cobertura do *Segundo Caderno* foi a única a ir além da agenda e das efemérides e oferecer matérias mais aprofundadas e analíticas. Foi o único a falar sobre a Feira Internacional do Livro de Bogotá e a acompanhar início e desfecho do roubo da edição rara de *Cem anos de solidão*. O caderno ainda dedicou uma matéria de capa sobre a literatura latino-americana, publicada em 16 de junho.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/violencia-transexualidade-sobressaem-na-obra-de-copi-que-chega-ao-pais-em-livro-ocupacao-teatral-16354299>>. Acesso em: 29 ago. 2015

Figura 04: Capa do Segundo Caderno, de 16 de junho de 2015



Fonte: Acervo O Globo

Intitulada Buena onda latino-americana, a matéria faz um panorama da produção literária latino-americana no Brasil. Segundo a repórter Mariana Filgueiras, as prateleiras das livrarias passaram a oferecer mais obras de escritores da América Latina, ainda que a maioria continue sendo da Argentina e do Chile. A crescente presença de autores dessa região é atribuída, entre outros fatores, à recepção positiva da obra póstuma de Roberto Bolaño, 2666.

— Parecia ser o boom de um homem só, mas isso tem se provado mais amplo. O autor de “2666” dinamitou de vez a compreensão de que apenas García Márquez e Vargas Llosa conseguiam atrair a atenção do público. No rastro dessa novidade, até mesmo autores contemporâneos deles que nunca obtiveram muito sucesso por aqui estão sendo revistos, como Bioy Casares (cuja obra completa sai pela Biblioteca Azul), ou Juan Carlos Onetti (editado pela Planeta e Companhia das Letras). Os próprios J. Rodolfo Wilcock, Copi e Julio Ramón Ribeyro, que estamos recuperando, são todos da mesma geração obscurecida pelos autores do boom — opina Joca Reiners Terron, curador do selo Otra Língua.<sup>9</sup>

O subtítulo diz que “após o sucesso de ‘2666’, do chileno Roberto Bolaño, a literatura ‘hermana’ ganha novo fôlego no Brasil com lançamentos que vão do contemporâneo

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/literatura-latino-americana-ganha-novo-folego-no-brasil-16453126>>. Acesso em 29 ago. 2015

Alejandro Zambra a obras de autores de Equador, Guatemala e Honduras”. A matéria, porém, exemplificando o que foi constatado ao longo da pesquisa, não cita qualquer obra de escritores dos três últimos países. O texto, pelo contrário, mantém o padrão da imprensa cultural de se fixar na Argentina e no Chile e, com relação à nova produção literária, de selecionar o autor que já tem certo reconhecimento internacional, no caso, Alejandro Zambra. A matéria é encerrada, inclusive, com uma entrevista com Zambra e comentários sobre seu último lançamento, *Meus Documentos*.

Outra contrariedade é que o *Segundo Caderno* mostrou-se o mais conservador (no sentido de ser tradicionalista) dos três cadernos analisados. Apesar da matéria analítica sobre a literatura latino-americana e os lançamentos, o caderno do jornal *O Globo* foi o que mais priorizou a seleção de escritores “cânones”. O caderno só saiu, ligeiramente, da curva, ao publicar matéria sobre Raúl Damonte Botana, o Copi, não por ser novo, mas por não estar muito presente no mercado editorial brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise quantitativa da pesquisa, conclui-se que três dos maiores jornais do país dedicam pouco espaço de seus cadernos culturais à produção literária latino-americana. Pouco mais de 10% das edições publicaram textos sobre a literatura da região e há que se considerar ainda que, nesse índice, estão incluídas notas publicadas em um pequeno espaço do caderno e no fim da página. Também pela análise quantitativa, percebe-se que a América Latina é sub-representada nos cadernos culturais no que se refere à literatura. Apenas sete países foram mencionados e, entre eles, houve maior ênfase à Argentina e ao Chile, países cuja tradição literária é mais reconhecida pela imprensa.

Pela análise quantitativa, também é possível afirmar que os cadernos culturais pouco trabalham no sentido de apresentar escritores contemporâneos e mais jovens na carreira, cujos livros ainda são recentes no Brasil, ou mesmo que começam a ganhar repercussão em seus países de origem e, por isso, poderiam render pautas relevantes. Não é incomum, na imprensa cultural, fazer matérias sobre livros que alcançam sucesso em outros países antes mesmo de existir alguma previsão para edição brasileira.

De oito escritores citados pelos cadernos cuja produção data dos anos 1990 para frente, apenas metade ganhou destaque com matérias maiores e melhor contextualização do escritor e de sua obra. Por mais que essa presença seja importante, ainda é insuficiente para suprir a necessidade de conhecimento da produção literária de todo um continente.

Ainda na análise quantitativa, verificou-se a presença constante de escritores contemporâneos com alguns anos de carreira e uma presença já consolidada no mercado editorial brasileiro. Beatriz Sarlo e Leonardo Padura foram os grandes destaque nas edições, seja em notas, reportagens ou entrevistas. No entanto, ainda não se pode afirmar que a imprensa cultural esteja migrando o foco de sua cobertura para escritores mais atuais porque, além do destaque ter sido dado para, apenas, dois escritores, a participação deles na Feira Literária Internacional de Paraty pode ter sido a grande responsável pela presença deles nos cadernos e porque, ao fazer uma análise qualitativa, percebe-se, no caso de Padura, que a cobertura jornalística se dá mais por questões políticas envolvendo Cuba do que pela produção literária do escritor.

A pesquisa, por fim, comprovou que os cadernos culturais continuam apresentando textos mais aprofundados quando se trata de nomes como Neruda, García Márquez e

Cortázar. É nos textos em que escritores de peso como esses estão presentes que a cobertura jornalística ganha ares novos, com textos que melhor exploram obra e biografia do escritor, com fôlego para investir em novidades, mesmo quando tanto já foi dito sobre eles, como no exemplo do *Segundo Caderno*, do jornal *O Globo*, com García Márquez.

Por mais que não estejam no ranking de mais citados pelos jornais, nota-se que os escritores consagrados ainda ganham um olhar diferenciado, o que não é um aspecto negativo, visto que são referências não só para a América Latina, mas também para a literatura mundial. Questiona-se apenas a ausência desse tipo de olhar para uma geração mais nova. Como já foi explicitado, o processo de colonização e o imperialismo norte-americano afastaram o Brasil e a imprensa brasileira de seus vizinhos e ajudaram a perpetuar, entre os brasileiros, um olhar de desdém ou mesmo de total desconhecimento sobre a América Latina. Tudo isso ainda é refletido na cobertura jornalística e gera a falta de iniciativa de apresentar o que a movimentação da produção literária latino-americana atual.

Nesse sentido, sugere-se uma reflexão sobre a necessidade de incluir mais a América Latina no processo educacional. Os profissionais que hoje ocupam as cadeiras de chefe de redação, editor e redator, por exemplo, nos cadernos culturais, são os mesmos que foram educados em escolas onde o currículo de disciplinas como História e Literatura, estão voltadas para Brasil e Europa. São, ainda, os mesmos universitários que estudaram a história da imprensa brasileira, os modelos de jornalismo europeu e norte-americano e pouco ou nada ouviram falar sobre a imprensa latino-americana. Se a América Latina não tem presença marcada no processo de formação dos estudantes, supõe-se que, dificilmente, terá no trabalho dos profissionais de imprensa.

Neste artigo, não há a pretensão de se desenhar o cenário da produção literária latino-americana no Brasil, mesmo porque é necessário analisar outros atores importantes, como o mercado editorial. Também não pretende apontar respostas e soluções definitivas para o cenário apresentado. Espera-se, contudo, que contribua com o que já foi discutido sobre o tema e com os pesquisadores que ainda se debruçarão sobre ele a fim de manter vivo o debate sobre a necessidade de se valorizar e divulgar a produção cultural do continente e não deixá-la ter o mesmo fim, de solidão e esquecimento, de Macondo e da família Buendía.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, ALEXANDRE. **A solidão da América Latina na grande imprensa brasileira**. 2005. 237 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27142/tde-24112005-120924/pt-br.php>>. Acesso em 20 set. 2015.

BRAGANÇA, Maurício de. Entre o boom e o pós-boom: dilemas de uma historiografia literária latino-americana, In **Ipotesi**, v. 12, n. 1, p. 119 - 133, jan./jul. Juiz de Fora, 2008. Disponível em <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/11-Entre-o-boom-e-o-p%C3%B3s-boom.pdf>>. Acesso em 14 set. 2015.

CÂMARA, Sérgio. O recurso do mito na literatura latino-americana. In: **Tempos Históricos**, v. 17, 2013, p. 185-203. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/download/8946/6559>>. Acesso em 12 set. 2015.

CHASTEEN, Charles. **América Latina, uma história de sangue e fogo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

CONCHA, Jaime. A poesia latino-americana, c.1920-1950. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina – A América Latina após 1930: ideias, cultura e sociedade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

COSTA, Adriane Vidal. O boom da literatura latino-americana, o exílio e a Revolução Cubana. In: **Dimensões**, vol. 29, 2012, p. 133-164. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/5535/4048>>. Acesso em 14 set. 2015.

DONGHI, Túlio Halperin. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

ELLIOT, J. H.. A conquista espanhola e a colonização na América. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina: a América Latina colonial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

FOLHA DE S. PAULO. Caderno Ilustrada - edições de 1º de maio a 31 de julho de 2015.

HIRST, Monica. América Latina-EUA em tempos de Guerra Fria. In: **Revista USP**, São Paulo, n.84, p. 24-37, dezembro/fevereiro 2009-2010.

MACHADO, Álvaro Manuel. **Introdução à literatura latino-americana contemporânea**. Lisboa: Presença, 1979.

MACHADO. Cassiano Elek. A renovação cultural. **Folha de S. Paulo** – Caderno especial, Folha 80 anos. São Paulo: 18 fev. 2001, p.18.

MARTES, Ana Cristina Braga. O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. In: **Revista de Administração de Empresas**. v. 41, n.2, abr/jun 2001.

MARTIN, Gerald. A narrativa latino-americana, c.1920-c.1990. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina – A América Latina após 1930: ideias, cultura e sociedade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

MARTINEZ, José Luis. Unidade e Diversidade. In: MORENO, César Fernández. (org.). **América Latina em sua literatura**. São Paulo: Perspectiva, UNESCO, 1979.

O ESTADO DE S. PAULO. Caderno 2 - edições de 1º de maio a 31 de julho de 2015.

O GLOBO. Segundo Caderno - edições de 1º de maio a 31 de julho de 2015.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2011.

RAMA, Ángel. El Boom em Perspectiva. La crítica de la cultura en America Latina. Biblioteca Ayacucho, 1980. p. 266 - 306. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/rama/rama.pdf>>. Acesso em 14 set. 2015

REZENDE, Beatriz. (org.). **A literatura latino-americana do século XXI**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

RIBEIRO, Darcy. **América latina: a pátria grande**. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986.

ROUQUIÉ, Allain. **América latina: introducción al extremo occidente**. México: Siglo XXI, 1989.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

TOTA, Antonio. Pedro. **O imperialismo sedutor**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo - porque as notícias são como são?** Florianópolis: Insular, 2005(a).

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005(b).

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999